

Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Alenquer

Filomena Sousa

Memóriamedia

Sousa, Filomena (2012), “Apresentação e síntese do trabalho de registo vídeo realizado pelo Memóriamedia no concelho de Alenquer”, in *Projecto Memóriamedia*, Porto: Memória Imaterial/IELT, pp. 1-6.

No concelho de Alenquer, com a colaboração da Junta de freguesia de Pereiro de Palhacana, a equipa do projecto MEMORIAMEDIA entrevistou, entre Fevereiro e Março de 2011, António Comprido, António Melão, Arminda Anselmo, Carlos Rodrigues, Celeste Alexandre, Elisa Santos, Fernando Sousa, João Grácio, Manuel Alves, Maria de Lurdes Carriço, Maria do Rosário Baptista, Maria José Grácio, Mariana Monteiro e Mariana Oliveira. Um grupo de residentes na freguesia de Pereiro de Palhacana com idades compreendidas entre os 66 e os 81 anos.

As filmagens realizaram-se nas casas dos entrevistados tendo sido pedido aos mesmos a partilha de recordações do quotidiano da freguesia. Surgiram diferentes contribuições, recordaram a apanha da cereja, as cantigas ao desafio no cimo das cerejeiras, as histórias decoradas dos folhetos de cordel e, entre outras, as histórias da antiga “Praça de Homens”.

Mariana Monteiro (Mata de Palhacana, 69 anos) falou dos folhetos de cordel, das “pessoas que andavam nas feiras a vender uns folhetos de canções e anedotas (...) Eram uns ceguinhos e a gente depois punha ou dois tostões, ou três tostões (...). E andavam aqueles miúdos a vender os folhetos e a gente comprava aqueles folhetos”.

Mariana Monteiro refere ainda que, mesmo sem saber ler nem escrever, aprendia de memória aquilo que as vizinhas liam em festas e romarias:

“Ia para uma festa. Sentavam-se ali às vezes montes delas, nos adros das igrejas (...). E elas sentavam-se ali pela noite dentro, tudo ali sentado e uns a tocar concertina, outros a tocar guitarra, outros a tocar tambor... E assentavam-se por ali e cantavam versos e cantavam isto (...) Eu aprendia tudo! Eu ia para casa, punha-me ali tuca tuca tuca tuca tuca tuca tuca tuca, aprendia tudo!”

A exemplo dos vários romances que recorda dos folhetos de cordel, Mariana recita “O garotinho de dez anos”:

“Andava um garotinho com dez anos, a cavar numa vinha dos seus pais, mas como no mundo há certos humanos, ainda são pior que os animais. Andava o garotinho todo o dia, agarrado à enxada amargurada, mas como o seu trabalho não lhe rendia, à noite pelo pai era espancado. E o garoto já farto de sofrer, a mando de sofrer martírios tais, um dia o que ele pensou em fazer, abandonar a casa dos seus pais. A uma terra istante¹ o garotinho, a uma porta rica foi bater, batia com ternura e com carinho, pedia para dormir e para comer. E o dono da casa lhe perguntou: Então porque andas tu abandonado? O garoto a chorar lhe explicou: Senhor, meu pai para mim é um malvado. Então ó bom garoto escuta lá, tu dizes que teu pai que é um traidor, se lá não queres voltar tu ficas cá, de ti farei um homem de valor. E o garoto aceitou, mas sem saber que o homem era um honrado professor, ensinou-o a ler e a escrever, estudou até chegar a ser doutor. Então ele já curava muita gente, estava um médico industrial e forte. Um dia que ele ouvira dizer que o seu pai, que estava em perigo de morte. À pressa lá o foi salvar da morte, no fim de o ter salvo deu um ai, Já está salvo o meu pai. Ele diz com brio. Em paga de você ser um mau pai, eu quero lhe pagar, ser um bom filho. Desculpa, filho meu, o mal que te eu fiz, a vida que te eu dei amargurada, mas quanto é que te eu devo, ó filho diz. Cumpri com o meu dever, pai não é nada.”

¹ Distante

António Melão (Soeiro Cunhado, 79 anos), ainda lembrando os cegos que vendiam folhetos diversos, refere-se aos almanaques com a informação agrícola. “Vendiam esses livrinhos assim. Até para as pessoas para ver, por causa da agricultura, para saber quando é que houveram de semear, quando é que não houveram de semear... Eles vendiam isso tudo. Aquilo era... Era engraçado.”

António Comprido e Maria de Lurdes Carriço (Bonvizinho, 78 e 76 anos) recordam as “Praças de Homens”, locais onde os homens se juntavam para serem “levados” para ir trabalhar, primeiro de sol a sol, depois à jorna. Por um determinado preço eram escolhidos para trabalhar para determinado patrão. Arminda Anselmo (Valverde, 76 anos) também recorda a “Praça”:

“Fazia-se praça a falar a mulheres e a homens para trabalhar. Tinha treze anos, fui para a monda. (...) Fazia-se uma praça de mulheres e homens e iam os patrões falar à gente. Iam os patrões falar à gente. E a gente ia para os patrões. (...) Com treze anos (...) serra abaixo, que é para aí para o lado da Arruda, a mondar! Eu era muito pequenina ainda – ainda hoje não sou grande...”

Um oferecia vinte, não era? E o outro dizia assim:

- Olha, para mim dou vinte-e-um!

A gente queria ir para a quinta do vinte-e-um!

Mais vinha outros, oferecia vinte-e-dois ou vinte-e-três: lá a gente ia para os do vinte-e-dois ou vinte-e-três.

Era assim. Assim é que era a praça. E os homens era a mesma coisa. Era assim.”

Sobre a hierarquia e as tarefas do trabalho agrícola (sobre os caseiros, os apontadores, os cavadores e outros trabalhadores) falaram Mariana Oliveira, Elisa Santos, Maria José Grácio, João Grácio, Celeste Alexandre e Manuel Alves (Pereiro de Palhacana, 72 anos, 75, 66, 74, 81 e 81 anos, respectivamente). Sobre o árduo trabalho no campo

Carlos Rodrigues (Lajes de Freiria, 71 anos) recitou um poema que era dito há mais de cinquenta anos pelos mais velhos:

“O pobre trabalhador
Em tudo é explorado
Até nas horas de comer
Muitas vezes é roubado

Quando vai para o trabalho
Não ouve senão más respostas
Se por acaso ainda lhe dá as costas
Logo com ele há um ralho

Nunca as coisas lhe calham
Nada vai a ser favor
Se um homem fala, é doutor
Tem esta sorte cruel
Todos querem tirar a pele
Ao pobre trabalhador

Mandem o homem ao almoço
Aquilo é comer e andar
Se por acaso calha-se em descuidar
Leva a caldeira ao pescoço
Engole muito bocado grosso
Porque não consegue mastigar
Tem que dar aos queixos com cuidado
Para o patrão o explorar

E há por aí um certo caseiro
Faz gala em ser maroto
Anda sempre a roubar para outro
Ainda é pior que o fazendeiro”

Vários entrevistados lembram com saudades a “primeira apanha do ano”, o “tempo alegre” da época das cerejas. Alenquer era então conhecido com “zona de cerejas”.

Segundo Fernando Sousa (Pereiro de Palhacana, 72 anos) “o pessoal andava a trabalhar a apanhar cereja durante o dia. Preparava e depois havia aqueles senhores

que tinham os carros que vinham fazer o transporte da cereja para Lisboa, para a Ribeira, era vendida em Lisboa”.

Sobre a apanha da cereja, falam ainda dos seus trajes e das cantigas ao desafio:

“Andei dezasseis anos [...] na apanhar cereja. A gente ia todas lavadinhas, todas com os cabazes com muitas... com muitas fitas penduras, à monda. No outro trabalho do campo a gente não ia tão limpas como ia para a cereja. A gente ia limpas na mesma, não é? Mas para a cereja, levava-se aquele cabaz com um ramo de fitas pendurado pelo cabaz abaixo. Todas contentes!” (Arminda Anselmo)

“ Eu cantava ao desafio em cima das cerejeiras. Em cima das cerejeiras, a apanhar a cereja. Cantar ao desafio: é a gente trata-se mal uns aos outros. Mas é dentro do respeito. Ainda me lembra a anedota que ela contou para mim e a cantiga que ela cantou para mim. Era assim:

*Pela aquela serra acima
Vai um sapo a dar à bomba
Os filhos da tua mãe
São todos malhados da tromba*

E eu retribuí, disse-lhe:

*Ó verdasca, ó verdasquinha
Agora é que tu ganhastes
Partistes as ferraduras
Com um coice que me atirastes!*

(...) E os patrões não se ralavam, que enquanto a gente cantava, não comia cereja! “Cantem, cantem! Cantem! Cantem!” Enquanto a gente cantava, não estava a comer cereja! Estávamos a dar lucro de duas maneiras: a trabalhar e não comíamos!” (Mariana Monteiro).

Sobre os momentos de lazer de outros tempos, os entrevistados falaram dos bailes, do namoro, das festas e das romarias. Particularizaram na descrição do “chibo”, aquele ou aquela que era “largada” pelo par. Arminda explica:

“Agora eu ia bailar com aquele senhor e eu namorava com ele. Depois aquele senhor ia bailar com outra; bailar com outra ou conversar, ou namorar. E a gente começava tudo a barregar:

- Olha, fulano... Olha, deu um chibo em fulano!

Lá começava tudo a barregar. Tinha-se hera, punha-se com a hera, a gente a barregar (...), faz-de-conta que era o chibo, para dar aos chibos!”

Entre memórias do trabalho e do lazer registaram-se ainda anedotas e histórias de bruxas e lobisomens, gravações que podem ser visualizadas no site www.memoriamedia.net, secção “cantos e contos” – Alenquer.

Filomena Sousa (MEMORIAMEDIA)

2012